



ÁREA TEMÁTICA: Populações Gerações e Ciclos de Vida

Representações e Experiências da intimidade nos discursos femininos¹: análise de duas linhagens familiares

NEVES, Dulce Morgado

Doutoranda em Sociologia

ICS-UL

dumorgado@gmail.com

Resumo

Com base em entrevistas realizadas a duas linhagens familiares femininas no âmbito do projecto *Género e Gerações: continuidade e mudança nas narrativas familiares* (ICS-UL), procura-se analisar discursos de mulheres de diferentes gerações acerca das experiências que marcam as suas trajectórias afectivas (os seus momentos inaugurais, a escolha dos parceiros, a intimidade sexual), assim como captar o seu quadro de valorações e permissividades face à sexualidade.

Assumindo estes domínios como valiosos depositários das transformações recentes da sociedade, pretende-se que a visitação aos ideários e às práticas destas três gerações de mulheres reflecta a importância dos seus contextos de pertença na formação das trajectórias e na adesão a certos valores, sem no entanto deixar de evidenciar o carácter individual e irredutível que cada uma destas narrativas comporta.

Palavras-chave: Gerações; linhagens familiares femininas; intimidade sexual; trajectórias afectivas.





1. Tempo e gerações na sociedade portuguesa

O tempo é uma dimensão privilegiada no entendimento dos processos de mudança e continuidade entre as geraçõesⁱⁱ. Mas, sendo apropriado e vivido de forma diferente de indivíduo para indivíduo, ele opera também a um nível pessoal e é expressão da singularidade de cada um. Nas palavras de Edward T. Hall (1984:3), *“time is a core system of cultural, social, and personal life”*.

Neste artigo, procuraremos estabelecer uma relação dialógica entre os tempos sociais e as biografias individuais. Partindo dos discursos de três gerações de mulheres (avós, mães, filhas), tentaremos aferir o efeito geracional na expressão de determinadas práticas e representações face à intimidade e à sexualidade, e, simultaneamente, captar a singularidade ou o carácter irreduzível que distingue cada uma destas narrativas.

Para começar, do ponto de vista das dinâmicas sociais, importa salientar algumas transformações que têm marcado as últimas quatro décadas da sociedade portuguesa. Como referem Almeida, J. F. *et al.*, (2007), nos anos 60 a população portuguesa era ainda, em grande medida, uma população rural dedicada a formas de agricultura tradicionais quer de assalariado precário (sobretudo a Sul) quer de pequeno campesinato proprietário ou rendeiro (predominante nas regiões do Centro e Norte). As taxas de natalidade eram altas e o perfil demográfico era caracterizado por uma população jovem ou pouco envelhecida. A taxa de analfabetismo ultrapassava os 30%, e 60% da população não atingia sequer o 4º ano de escolaridade. Desde essa altura, no plano geográfico, intensificaram-se os fenómenos de desruralização, desertificação e litoralização aos quais se associam importantes mudanças nos modos de vida da população (Almeida, J. F. *et al.*, 2007). A própria composição social foi significativamente alterada, registando fortes impactos nos perfis de escolaridade e socio-económicos da população.

Também ao nível dos indicadores demográficos e das tendências de organização familiar se registaram transformações: a estrutura da população envelheceu, as taxas de natalidade e nupcialidade diminuíram, assim como também diminuiu a dimensão média dos grupos domésticos; aumentou a taxa de divórcio, os nascimentos fora do casamento, e os agregados de pessoas sós.

A par destas mudanças, e fruto de decisivas recomposições socioeducacionais e socioprofissionais, o estatuto social das mulheres modificou-se, com uma quase triplicação da taxa de actividade profissional feminina, desde 1960 (Almeida, J. F. *et al.*, 2007). Com efeito, salientam-se ainda alterações na vida familiar e conjugal, assistindo-se (sobretudo a partir da década de 70, com a difusão dos ideais democráticos e de liberdade) a uma maior adesão aos valores da igualdade de género e aos ideais de companheirismo e afectividade na vida privada (Aboim, 2006).

Concomitantemente, e no que concerne a transformações específicas nas formas de experienciar e representar a sexualidade, estudos de comparação intergeracional sugerem-nos diferenças significativas entre as gerações mais novas e as gerações mais velhas. De acordo com Pais (1998:463), enquanto nas gerações mais velhas prevalece uma moral sexual mais conservadora, institucionalizadora e defensora do puritanismo sexual, os jovens transportam uma nova ética, mais experimentalista e fragmentada, *“onde há lugar para ligações fugazes e românticas; experiências pré-matrimoniais e coabitacionais; iniciações*



sexuais precoces e relações heterogâmicas; sendo, finalmente, observável uma relativa tolerância a diversas formas de sexualidade socialmente ou ideologicamente consideradas mais 'periféricas'".

Sabemos que é sempre difícil avaliar o valor preditivo destas diferenças geracionais, porque, afinal, elas podem não ser mais do que um efeito do ciclo de vida que se diluirá com a chegada dos jovens à vida adulta. No entanto, neste caso, a experiência de contextos sociais tão distintos e a consistência das significações são claros indícios de mudança que nos levam a crer estarmos perante um efeito geracional com repercussões futuras sobre as formas de viver e dar sentido à intimidade.

2. Caracterização das Entrevistadas e Contextos de Pertença

Tendo o país passado por importantes momentos históricos, como sejam a revolução de 25 de Abril ou a adesão à União Europeia, as gerações mais novas experienciaram condições de vida muito diferentes das dos seus pais e avós. Contudo, estas transformações não se fazem sentir com a mesma intensidade e ao mesmo ritmo por todo o território. Na verdade, o desenvolvimento que começou a ter lugar na segunda metade do século XX para além de acelerado foi também assimétrico, originando um cenário de forte diferenciação interna no país.

A primeira linhagem feminina aqui em análise é relativa a três mulheres (avó, mãe, filha) residentes na região da Grande Lisboa, mais precisamente nos concelhos de Odivelas (avó) e Loures (mãe e filha). Por seu lado, as mulheres da segunda linhagem residem em freguesias dos concelhos de Mondim de Basto do distrito de Vila Real (avó e mãe) e de Celorico de Basto do distrito de Braga (filha).

A análise de dados censitários e de outras estatísticas demográficas relativas à última década coloca a região de Lisboa e as chamadas Terras de Basto em duas posições diferentes face aos processos de modernização familiar. Assim, Lisboa é caracterizada pelo contínuo aumento da individualização nas estruturas familiares, pela informalidade no casamento e na constituição de famílias e por uma mais expressiva igualdade de género na vida familiar. Por seu lado, os concelhos de Mondim e Celorico de Basto, inscritos, respectivamente, nas sub-regiões do Tâmega e do Ave, caracterizam-se pela centralidade do casamento e pela prevalência da estrutura de família nuclear (Aboim, 2006).

Para facilitar a comparação intergeracional, optaremos, na análise das narrativas, por atribuir às avós nomes próprios iniciados por A (Alice e Antónia), à segunda geração de mulheres nomes iniciados por B (Beatriz e Belmira) e, finalmente, às netas nomes iniciados com a letra C (Carolina e Carina).

Alice nasceu no concelho do Fundão em 1941, juntou-se com o actual marido aos 18 anos (o casamento só viria a ter lugar mais tarde), não tem qualquer tipo de escolaridade e começou a trabalhar muito cedo, com seis anos, servindo em casas particulares na Beira Baixa. Aos 13 anos Alice mudou-se para Lisboa, onde continuou a trabalhar como empregada doméstica e reencontrou a sua família, entretanto também fixada nesta cidade. A mãe desta linhagem, **Beatriz**, teve um percurso bastante diferente do da sua mãe. Nascida em 1964 no concelho de Odivelas, esta mulher é casada com um oficial do exército de quem tem dois filhos, de 16 e 18 anos. Tendo completado o ensino superior, actualmente Beatriz desempenha funções de directora de departamento numa empresa. Por fim, a geração mais nova é representada pela filha **Carolina**, de 18 anos (a mais nova das entrevistadas), que frequenta o primeiro ano de um curso superior na área das ciências naturais.



De uma maneira geral, a história desta primeira linhagem é marcada pela migração de Alice para a cidade na década de 50, a qual parece ter sido decisiva para a mobilidade social ascendente que as gerações subsequentes vieram a conhecer. Neste sentido, e beneficiando de maiores oportunidades escolares e profissionais, é já Beatriz quem melhor personifica a viragem ascendente que afasta a geração mais nova do contexto socialmente desfavorecido que funda, afinal, esta linhagem.

A linhagem da região a Norte afigura-se com um perfil socioeconómico algo distinto: a avó **Antónia**, residente em Mondim de Basto, nasceu em 1945 no concelho de Celorico de Basto. Tendo frequentado a escola até à terceira classe, a entrada no mercado de trabalho aos 13 ou 14 anos, apesar de também precoce, dá-se bem mais tarde que a da avó da linhagem anterior. Com esta idade, Antónia começou a costurar e a trabalhar na lavoura. **Belmira**, que representa a segunda geração desta linhagem, terá tido um percurso algo semelhante ao da sua mãe. Nascida em 1965, esta mulher, que desde criança ajudou a cuidar dos seus irmãos mais novos, completou o 4º ano de escolaridade aos 12 anos, tendo logo a seguir começado a trabalhar na lavoura e na prestação de serviços domésticos. Finalmente, a filha desta linhagem, **Carina**, tem actualmente 25 anos, é casada com um encarregado da construção civil e tem dois filhos. Quando casou, Carina foi viver para Coimbra de onde é natural o seu cônjuge. Desde há dois anos, vive com os filhos em Celorico de Basto e o seu marido trabalha em Espanha. Esta mulher distancia-se claramente do percurso das gerações que lhe antecedem, tendo chegado a frequentar dois anos de uma licenciatura. Com o 12º ano completo, a sua experiência profissional tem incidido em tarefas de executante administrativa.

Neste caso, e de uma maneira geral, não se apresentam grandes dissemelhanças entre as trajectórias objectivas de Antónia e Belmira. Como vimos, de uma geração para a outra, esta linhagem quase não sofreu mudanças ao nível dos capitais escolares (a mãe Belmira só frequentou mais um ano escolar que Antónia) e regista-se igualmente uma reprodução do perfil socioprofissional. Assim, é só na última geração, com Carina, que a linhagem sofre uma maior diversificação, no sentido em que, pela primeira vez, se experimentam processos de alguma mobilidade geográfica e um aumento de capitais escolares e profissionais. Este perfil de mobilidade, ainda que seja reflexo de processos mais amplos de recomposição sociopolítica da sociedade portuguesa, não deixa de ser significativo do ponto de vista da proximidade e da distância que se estabelece entre as representantes da linhagem.

3. Experiências e Significações: análise dos discursos sobre intimidade

A vida amorosa e a sexualidade são domínios que frequentemente escapam às análises sociológicas. Contudo, a sua revelação nunca se esgota em si mesmo sendo, pelo contrário, útil para o entendimento de outros processos sociais. A análise da mudança social não raras vezes dá conta das intensas transformações ocorridas em matéria da relação entre homens e mulheres, e da sua expressão nas esferas da sexualidade e da vida íntima. Neste sentido, pode-se afirmar que, tal como refere José Machado Pais (1998:408), *“(...) a compreensão sociológica da sexualidade (ou das sexualidades) ajudar-nos-á, certamente, a melhor compreender a sociedade em que vivemos, uma vez que os discursos sobre a sexualidade são, inerentemente, discursos sobre algo mais do que o sexo: género, poder, simbolismo, identidade, etc.”*



3.1 O Namoro e Iniciação Amorosa

Aproximando o olhar sobre os discursos destas mulheres, as suas trajectórias afectivas e amorosas parecem coincidir em termos da sua idade inaugural: neste sentido, os 15 anos são a idade em que as entrevistadas mais tendem a inscrevem os primeiros relacionamentos amorosos.

No entanto o facto de, a este respeito, não haver grandes discrepâncias geracionais, não dissuade as diferenças subjectivas e objectivas que a palavra *namoro* pode comportar. Nas gerações mais velhas, sobretudo para as avós mas também para Belmira (a mãe da segunda linhagem apresentada), tais namoros são descritos como *amizades* onde a aproximação entre os protagonistas repousa sobre um compromisso pouco rígido, e onde não parece haver lugar para grandes experimentações ou contactos físicos: pelas descrições, os primeiros namorados são amigos com quem se *fala* e pelos quais se nutre uma afeição variável.

Avó Antónia, 62 anos, Mondim de Basto

“Falava com este, falava com aquele, falava com quem calhava (...) Tive [vários namorados].”

Mãe Belmira, 42 anos, Mondim de Basto

“Olhe namorei com um que se chamava Manuel, com outro que (...) não sei o nome dele. Namorei para aí com uns 3 ou 4, sei lá bem. (...) Antigamente era assim, namorava-se com uns poucos. (...) Um domingo vinha um, outro domingo vinha outro, era para aí assim! Aquilo não era... Pronto era um namoro mas não tinha amizade (...). Amizade, amizade mesmo foi a um tal Francisco e ao meu homem.”

“Antigamente namorava-se longe um do outro. Agora é todos agarradinhos a beijarem-se. Devia ser no meu tempo, a beijarem-se... que os meus pais não deixavam.”

Os discursos de Beatriz e Carolina – mãe e filha da linhagem da Grande Lisboa – reflectem ambientes relacionais diferentes. Antes de conhecer e começar a namorar com aquele que viria a ser o seu marido, Beatriz namorou seis meses com uma outra pessoa. Neste caso, a descrição dessa experiência passa pela avaliação do nível de envolvimento físico, havendo, da parte da entrevistada, uma clara associação entre namoro e experimentação sexual.

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“Com o primeiro namorado nunca tive experiência sexual, tirando aquelas coisas do apalpar. (...) Essa parte da sexualidade eu achava que ainda não era bem a altura e que não era a pessoa apropriada.”

Até ao momento, Carolina refere ter tido dois namorados. Eventuais outros relacionamentos ficam excluídos desta enumeração, sendo remetidos para domínios de menor importância. Desta vez, o namoro assume forma de compromisso e distingue-se de outros tipos de envolvimento mais efémeros.

Filha Carolina, 18 anos, Loures

“O meu primeiro namorado foi com 15 anos depois fiz 16. (...) Não era bem namorado... curtíamos. Depois houve uma noite que curti com o meu actual namorado e depois andei com esse, e depois acabei com ele no ano passado e agora tenho o meu actual namorado.”



3.2 Escolha dos Parceiros

Actualmente, todas estas mulheres têm relações conjugais ou amorosas estáveis. Exceptuando a filha da linhagem de Lisboa, que tem um namorado, todas as outras entrevistadas são casadas.

Na linhagem familiar das Terras de Basto, tanto Antónia como a sua filha Belmira conheceram os seus maridos em festas/bailes – o que não deixa de ser ilustrativo do importante papel que, durante décadas e sobretudo em contextos rurais, estas festividades desempenharam como espaços privilegiados para as sociabilidades e para o encontro de potenciais parceiros conjugais.

Mãe Belmira, 42 anos, Mondim de Basto

“Conheci-o (...) numa festa que há ali em Fafe. Que antigamente era nas festas! (...) Ele entrou ali a conversar comigo e ele disse (...) ‘ó tu podias namorar comigo’. E eu disse-lhe ‘ai não. Porque eu tenho namoro’, que era o tal Francisco, ainda namorava com ele. ‘Tenho namoro e se ele te vê aqui, sabes como é, até há problemas, e os meus pais, sabes como é, depois tenho castigo’. Porque eu tinha medo aos meus pais. E ele dizia assim ‘não, não há problema nenhum, ele até nem está cá’. (...) Comecei a namorar com ele, ele nunca mais deixou vir o tal Francisco para a minha beira.”

No que toca à linhagem de Lisboa, Alice conheceu aquele que viria a ser seu marido aos 17 anos e o interesse revelado por ele, desde o início, não foi imediatamente correspondido. Vários autores (Goode, 1959, Girard, 1981, Rosa, 2005) procuraram mostrar como a escolha do parceiro conjugal, estando sujeita ao controlo institucional, é tomada como exemplo paradigmático da permeabilidade do sentimento amoroso às lógicas da estrutura social.

Avó Alice, 66 anos, Odivelas

“[Conheci o meu marido] em Lisboa, ele ia a casa da minha mãe, mostrava-se interessado em alugar lá um quarto, mas queria era ver-me.”

“Eu quando me juntei com o meu marido não gostava dele. (...) [Fui viver com o meu marido] para me sentir mais autónoma e também porque fui empurrada pela minha mãe. Mas depois comecei a gostar dele.”

Segundo Goode (1959) a importância teórica do amor reside nos *padrões socioestruturais* que são criados em seu redor para evitar que se comprometam as configurações sociais existentes. No entanto, este controlo não é exclusivo das famílias de perfil social mais elevado nem reflecte apenas uma preocupação pela perpetuação de uma condição de classe e de um estilo de vida privilegiados. Como se vê, este controlo parece igualmente consubstanciar estratégias onde o “casamento” é entendido como tábua de salvação ou uma oportunidade para escapar a um destino mais difícil.

Para além deste caso, nenhuma das outras entrevistadas declara qualquer tipo de constrangimentos externos na escolha do seu cônjuge ou parceiro, privilegiando-se, sobretudo nos discursos das mulheres de Lisboa, o sentimento amoroso e os aspectos afectivos que motivaram a preferência.

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“Aquilo era uma loucura (risos), era uma loucura porque o meu marido era super giro. Eu pensava que ele era o homem da minha vida. Muito diferente do que com o outro que foi o meu primeiro namorado. Mas eu sentia que era aquele, eu era completamente doida por ele e ele por mim.”



3.3 Primeira Relação Sexual

Entre as várias mudanças que têm ocorrido nas últimas décadas no domínio da sexualidade, podemos salientar a diminuição da idade à primeira relação sexual, a qual, por hipótese, é expressão de um movimento mais amplo de aproximação entre as trajectórias sexuais de homens e mulheres. Para vários autores (*in* Marques, 2007), a primeira relação sexual é um momento muito relevante e significativo porque remete para quadros normativos, sistemas de representações, vivência corporal e investimento sentimental.

Na medida em que se inscreve na história pessoal de indivíduos socialmente situados, o *momento inaugural de entrada na sexualidade adulta* (Le Gall *et al.*, 2007) privilegia uma abordagem geracional. Assim, pelo menos a avaliar pelas declarações das entrevistadas, verificamos que nas gerações mais velhas de Mondim de Basto (Avó e Mãe) a idade da primeira relação sexual coincide com a celebração do casamento.

Avó Antónia, 62 anos, Mondim de Basto

"Na noite do casamento (...) ele disse: 'Então porque não te vens deitar? Não te faço mal... Mas sabes como é... eu se me casei, foi para ter relações contigo'... E eu: 'Não, que eu não quero!' E ele: 'Não é assim, tu não queres... não... tem de ser.'"

"Depois aconteceu nessa noite. Diz ele: 'Vai buscar uma toalhinha e põe-se aqui'. Ele explicou-me, mas a minha mãe podia-me ter explicado daquela maneira... Mas não explicou. Mas pronto, olhe, não morri, graças a Deus."

"Tinha [receios], tinha. (...) Depois correu tudo bem, graças a Deus. (...) Senti-me um bocadinho [pressionada] (...) mas pronto."

Mãe Belmira, 42 anos, Mondim de Basto

"Até à data do casamento nunca soube [o que era sexo]. Nunca soube disso, nunca soube. Porque eles [os meus pais] nunca falavam nisso. (...) Eu dizia assim 'o que é que vai ser de mim? Eu não sei nada. O que é que vai ser de mim? Eu não sei como é que vou fazer?' Era assim que pensava. (...) Tinha essa preocupação."

"Sabe com quem cheguei a conversar? Com o meu marido. Antes de casar, eu disse-lhe assim 'eu não sei como é que vai ser porque eu não percebo nada disso', e ele disse-me 'não faz mal, depois eu explico-te'. (...) Primeiro teve uma conversa comigo, 'olha que é assim, assim, assim. Tu não tenhas medo. Porque vai correr tudo bem. Tens que te pôr apta, porque tu sabes como é, eu não te faço mal', 'eu sei que tu não me fazes mal. Mas sabes muito bem que tenho falado contigo', e ele dizia 'eu bem sei'."

"Eu tinha vergonha. (...) Só disse à minha mãe: 'ó minha mãe podia ter me explicado. Já viu que vergonha, foi preciso o homem explicar-me. Olha que vergonha'. (...) 'Ó filha eu tinha vergonha de te dizer, sabes como é', 'olhe mais vergonha tive eu'."

No caso desta linhagem, o quadro de significações associado à primeira experiência parece não ter sofrido mudanças da primeira para a segunda geração. Antónia produz um discurso marcado pelo desconhecimento e pela vergonha que é reproduzido por Belmira. Tanto num caso como no outro, os parceiros homens gozam de maior experiência e a relação não deixa de ser vista como um *"um bem feminino que se concede ao homem"* (Heilborn, 1999: 54).



De facto, no campo da sexualidade é particularmente difundida e aceite a representação do automatismo fiscalista masculino, por oposição à “domesticação” feminina. Como afirma Bozon (2001), dependentes de um desejo masculino dominante, as mulheres continuam a ser vistas como *objectos a serem possuídos*, enquanto os homens são *sujeitos desejantes independentes*.

Prosseguindo na mesma linhagem, Carina teve a sua primeira relação sexual aos 18 anos com aquele que viria a ser o seu marido. Este episódio não deixa de se associar contextos de expectativa e receio onde o elemento masculino, mais experiente, assume uma função de complacência e comando. Todavia, ao ocorrer dois anos antes do casamento, esta experiência acaba por escapar ao padrão da iniciação sexual feminina da família.

Filha Carina, 25 anos, Celorico de Basto

“Correu bem, só que eu ficava sempre com medo, naquela expectativa, mas depois ele ajudou-me também, começou a falar, a dizer que não custava nada (...) e correu bem.”

No que concerne à linhagem de Lisboa, Alice revela um percurso algo afastado dos relatos de experiências associados à sua geração. Para começar, e eventualmente devido ao facto desta não ter sido a primeira relação conjugal do seu parceiro, Alice só se casou aos 32 anos, já depois do nascimento das suas duas filhas. Para além disso, e no que toca a iniciação sexual, a sua primeira experiência terá ocorrido aos 17 anos, antes de viver em coabitação com o parceiro.

Avó Alice, 66 anos, Odivelas

“ [A primeira relação] foi com o meu marido, tinha 17 anos. (...) Correu normalmente, acho eu (risos). Tinha era receio de ficar grávida, de a minha mãe saber.”

Também Beatriz afirma ter tido a sua primeira experiência sexual com o seu actual marido, aos 15 anos, muitos anos antes de se casar com ele. Diversos estudos (Bozon, 1993; Bozon e Heilborn, 1996; Pais, 1998) têm vindo a salientar que a rapazes e raparigas correspondem diferentes expectativas, motivações e significações acerca da primeira experiência sexual. Dizem os autores que enquanto os discursos masculinos incidem sobre os aspectos mais experimentalistas da sexualidade, as mulheres declaram orientar as suas práticas com base nos vínculos afectivos ou no sentimento amoroso associado às relações. Neste sentido, Beatriz parece corresponder a este perfil feminino.

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“Experiência sexual, essa, foi só com ele [o meu marido]. Porque eu comecei a ter relações sexuais com ele com 15 anos logo, de tal forma eu gostava dele.”

“Não [me senti pressionada], era um desejo.”

Ainda assim, não obstante o *desejo*, as expectativas em trono da primeira experiência não deixam de revelar algumas preocupações. Tal como a sua mãe, também Beatriz refere o medo de engravidar.



Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

"Tinha receio de como é que iria ser e sobretudo de engravidar."

Finalmente, Carolina é a única deste grupo de mulheres que declara que a sua primeira experiência sexual, aos 16 anos, ocorreu fora do âmbito da sua relação actual.

Filha Carolina, 18 anos, Loures

"Fui eu que quis, (...) até porque o João achava que não era a altura certa. (...) As pessoas sentem necessidade então pronto, tive relações. Acho normal. (...) Chocava-me mesmo pensarem do género 'tenho 16 anos e não tenho idade'. Nunca pensei assim, pensava 'sinto-me preparada por isso faço!'"

"Não tive dúvidas porque a minha mãe ajudou"

As suas palavras reflectem um contexto muito diferente dos referidos pelas mulheres anteriores e permitem questionar as posturas mais estáticas de diferenciação entre formas femininas e masculinas de experienciar a sexualidade e, particularmente a primeira relação. Neste caso, e revelando um carácter mais experimentalista e hedonista, terá sido sobretudo ela a demonstrar a *urgência fiscalista* de entrada na *sexualidade adulta*. Esta constatação parece reflectir uma clivagem geracional importante. Desta vez, o contexto da primeira relação surge livre dos receios ou das dúvidas que caracterizavam os testemunhos anteriores, surgindo pela primeira vez o papel da *mãe* como provedora de aconselhamento e não como fonte de repressão em matéria da sexualidade.

Como afirma Pais (1998), enquanto as gerações mais velhas tendem a confinar as relações sexuais ao matrimónio, as mais novas associam-nas mais a fases de envolvimento amoroso. Reportando-nos aos exemplos em análise, podemos verificar que esta tendência geracional se reflecte no caso da linhagem familiar de Mondim e Celorico de Basto, na qual só com Carina as relações sexuais se desassociam da consumação do matrimónio. No entanto, este padrão não parece ter efeito na trajectória familiar de Lisboa, onde a dissociação entre o casamento e a primeira relação remonta já à primeira geração.

3.4 Significados da Virgindade

Antecipando a abordagem das matrizes valorativas, os discursos sobre as primeiras experiências não são alheios às representações face à virgindade de homens e mulheres, ainda que em matéria de sexualidade, como sabemos, seja arriscado estabelecer relações entre as ideologias que se produzem discursivamente e as reais práticas dos sujeitos. Questionadas acerca da valorização da virgindade, todas estas mulheres reconhecem a significação diferencial que a sociedade atribui ao facto de se ser homem ou mulher, mas só a avó de Mondim de Basto, Antónia, reproduz o discurso mais tradicional de idealização positiva da virgindade feminina.

Avó Antónia, 62 anos, Mondim de Basto

" [A virgindade das mulheres é importante] porque é bonito... Sabe porquê? Porque olhe, a mulher é feliz porque tem uma relação com um rapaz, depois o rapaz deixa-a ficar e depois outro rapaz que venha falar com ela diz assim –'Ah, tu fizeste com aquele, então também vais fazer comigo', não é? (...) Isso é... complicado."



“Eu acho que uma mulher é que deve ser virgem... O homem também devia ser, mas (...) se não for já é [mais aceitável]. (...) Sabe que a mulher, depois de perder a virgindade, nunca mais é mulher como era! Um homem fica sempre na mesma...”

Uma postura diametralmente oposta pode ser encontrada nas declarações das outras entrevistadas, onde a virgindade mantida até ao casamento é desvalorizada e, inclusivamente, entendida negativamente.

Mãe Belmira, 42 anos, Mondim de Basto

“Para mim [a virgindade] não [é importante], porque isso antigamente era os meus pais que diziam, que era muito importante. Mas agora não! (...) Eu na altura achava porque ia atrás do que os meus pais diziam! (...) Agora já não. Agora acho que isso que é uma coisa estúpida até (...) porque (...) quando fui não sabia nada! Eu acho que até é bom eles saberem antes. (...) [Terem] alguma experiência! Claro, acho muito bem. Há tantos métodos para isso.”

Filha Carina, 25 anos, Celorico de Basto

“A virgindade não é importante porque qualquer pessoa tem direito a sentir prazer e a ter a sua própria sexualidade, acho que uma pessoa que tem namorado não tem que estar virgem, até porque ele vai procurar outras pessoas, se não tem em casa, como se costuma dizer (risos). Eu acho que isso é que provoca a infidelidade nas pessoas. (...) O homem sente-se mais envergonhado, não pode dizer que é virgem porque fica mal para um homem dizer que é virgem, um homem é macho (risos), não pode ser virgem, enquanto que a mulher não, a mulher virgem até é um elogio para ela como se costuma dizer, quer dizer, hoje em dia se calhar já não, mas no tempo da minha mãe era.”

Avó Alice, 66 anos, Odivelas

“Na altura não sei bem o que é que eu pensava [da virgindade]. Hoje penso que naquela altura as pessoas não faziam pelo falatório. Mas hoje acho que é uma coisa normal como outra qualquer. Não há problema se uma mulher não for virgem, isso é uma coisa tão natural da vida”.

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“Para o meu marido era importante que eu fosse virgem, acho que hoje já não é assim. Para ele era, e para mim naquela altura a virgindade tinha outro valor. (...) Antigamente era muito importante para um homem encontrar uma mulher virgem.”

“Actualmente, para mim, já é diferente. Eu não quero nada que a minha filha case virgem. Quero é que ela tenha muitas experiências sexuais, primeiro porque eu não tive, e quero é que ela seja feliz e tenha prazer porque a sexualidade faz parte das nossas vidas. Espero que ela tenha o que quiser. Não quero nada que ela case virgem, até porque eu sei que ela já não é. Eu acho que as pessoas devem ter prazer. (...). Isso de casar virgem, para mim, não faz sentido nenhum.”

Filha Carolina, 18 anos, Loures

“Não acho que seja importante, não acho que uma pessoa é melhor ou pior por ser virgem. (...) Eu acho que não há diferença mas para uma mulher é uma coisa mais importante (...), os homens se for preciso não planeiam nada, até porque ao homem não custa nada, não dói, não têm um íman.”



3.5 Intimidade Conjugal e Vida Sexual

Produto de uma série de transformações da modernidade, a sobrevalorização da intimidade e da afectividade tem vindo a ganhar expressão no quadro das relações sociais de género, na família e na conjugalidade (Torres, 2004, Aboim, 2006). Questionadas acerca do grau de intimidade que mantêm com os seus parceiros, todas estas mulheres declaram sentir-se próximas e íntimas deles, sendo que, nos casos de relações conjugais mais longas, algumas entrevistadas reconhecem oscilações nos níveis de intimidade ao longo do tempo.

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“Ele hoje não é só o meu marido, é também o meu companheiro, amigo e parceiro, uma pessoa com quem eu quero estar e gosto de estar. (...) Hoje as coisas estão bem e ainda bem que ficaram assim. Durante (...) [uns] anos, que foram um bocado turbulentos, não havia tanta intimidade e quase não nos podíamos ver um ao outro. Mas neste momento (...) somos íntimos, e agora mais ainda.”

Mãe Belmira, 42 anos, Mondim de Basto

“[Somos] muito mais [íntimos, agora]. (...) Ai antigamente era mais um bocadinho de vergonha. Agora já não.”

No que se refere mais concretamente à intimidade sexual, exceptuando uma das entrevistadas, todas as outras declaram ser sexualmente activas. No âmbito das suas relações amorosas ou conjugais, a sexualidade preenche uma dimensão de variável importância que parece sujeita, também ela, a flutuações ao longo das relações.

Avó Alice, 66 anos, Odiveelas

“[A vida sexual] foi muito importante, porque a gente era nova. Também nunca fui assim muito, como é que eu hei-de explicar, nunca tive assim grande, pronto, nunca cheguei ao pé do meu marido e disse ‘olha vamos fazer amor’. Mas se ele chegasse ao pé de mim, se ele puxasse por mim... Agora já não, (...) já não tenho vida sexual. O meu marido já tem uma certa idade e eu nunca fui muito dessas coisas e desde que fui operada à barriga, pior.”

Avó Antónia, 62 anos, Mondim de Basto

“Estou [satisfeita com a minha vida sexual], graças a Deus. (...) Porque correu sempre bem... a minha vida sexual foi sempre com o meu marido, sempre com ele, não foi com mais ninguém, graças a Deus (...). Pronto o meu marido realmente está velho, está, de facto... Mas sabe quem se lembra, não é? É como o outro, o sexo é preciso, senão não ficava no mundo...”

Mãe Belmira, 42 anos, Mondim de Basto

“No início [a vida sexual era mais importante]. No início, claro que sim. Agora também, não é? Mas no início era... pronto a gente naquela altura era mais nova, é diferente! (...) Claro que [agora] fica em terceiro lugar, pois. Agora sim. Quando era nova ficava em primeiro.”



“Eu fui operada ao útero. E pronto, agora a sexualidade para mim já não tem nada a ver. (...) Agora é má. (...) É má porque não tenho aquele prazer como tinha antigamente. (...) [Para o meu marido] continua tudo igual.”

“Eu compreendo-o a ele e ele respeita. (...) Mas tem que ser porque pronto, (...) tenho que satisfazer o meu marido. (...) Ele bem sabe que não me está a satisfazer a mim, não é? Ele bem sabe, mas ele também diz ‘olha sabes como é, eu bem sei agora que não tens aquele coiso como tinhas antigamente, aquele prazer, mas sabes como é’ eu digo ‘eu bem sei’.”

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“ [Na nossa relação, a vida sexual] é muito, muito [importante]. (...) Eu acho que nós com os anos vamos aprendendo muito e sentimos o sexo de forma diferente. Enquanto somos mais novos, para aí aos 20 e tais, é sexo por sexo, quantidade, paixão. Mas actualmente, para mim, é intimidade, um prazer imenso e portanto é muito mais sentido. Acho que sinto muito mais prazer no sexo actualmente do que sentia há 20 e tal anos, e sei muito melhor como é que hei-de atingir um orgasmo do que sabia há uns anos atrás.”

Nas duas primeiras gerações entrevistadas, as mulheres admitem posturas muito diversas, das quais muito dificilmente se consegue extrair regularidades geracionais ou familiares. Na geração das avós, verifica-se no caso de Antónia uma situação em que, não obstante reconhecerem-se os efeitos do envelhecimento sobre a vivência da sexualidade, esta continua a desempenhar um papel importante na relação conjugal (embora não seja explícito se essa importância se consubstancia sobretudo num plano simbólico ou também do ponto de vista físico); e o exemplo de Alice que declara já não ter vida sexual e que parece ter sempre remetido a sexualidade para a iniciativa masculina.

Por seu lado, na geração das mães, as diferenças entre Belmira e Beatriz sugerem vivências ainda mais distantes. Enquanto Beatriz considera que a vida sexual desempenha actualmente um papel fundamental na vida do casal e constituiu uma inegável fonte de prazer, o caso de Belmira personifica a experiência do declínio da importância da relações sexuais ao longo do tempo, sendo que a prática sexual chega a ser entendida enquanto sacrifício necessário que se faz em nome do cônjuge, pela harmonia da relação. Uma vez mais, o retrato do *bem feminino* que se concede ao *sujeito desejante* afigura-se possível.ⁱⁱⁱ

Mais distante deste cenário, a geração mais nova de mulheres desenvolve uma perspectiva, já encetada pela mãe Beatriz, na qual as mulheres se revêem como sujeitos activos e inovadores da trama sexual e onde a sexualidade, vivida no contexto de uma relação duradoura e exclusiva, não exonera o seu carácter *erótico-hedonista*.

Filha Carina, 25 anos, Celorico de Basto

“A [sexualidade é importante] porque o casal, as pessoas ficam mais unidas, mais confiantes, podemos estar chateados ao final do dia, ralar e tudo mais mas depois há uma intimidade, há uma união, acho que é importante.”

“Nós falamos muito daquilo que gostamos mais, do que não gostamos, como é que queremos, qual é a posição que queremos, como é que gostamos, o que é que gostamos que nos façam.”

“O que eu gostava de praticar era o swing (risos), era uma coisa que eu gostava (...) Ainda não lhe disse nada porque eu já sei que era uma ideia maluca - eu tenho umas ideias muito malucas nesse aspecto, mas pronto. (...) A gente fala sobre tudo porque é que não havemos de falar sobre isso?!”



Filha Carolina, 18 anos, Loures

" [A vida sexual é importante] porque é muito gira a conversa de ir ao cinema e dar uns beijinhos, mas tanto os homens como as mulheres têm desejo".

3.6 Outras valorações e permissividades sexuais

Como vimos, segundo Pais (1998), as gerações mais novas produzem uma nova ética sexual, bastante mais desinibida ou tolerante que aquelas que caracterizam as gerações que lhe precedem. Para atestar eventuais continuidades e mudanças a este respeito importa não só fixar a atenção nos discursos sobre as práticas destas mulheres mas também procurar captar as significações mais abstractas para além da experiência pessoal de cada uma. Para o efeito, estas mulheres foram igualmente questionadas acerca de valorações e *permissividades sexuais* (Pais, 1998), como sejam os aspectos morais da fidelidade, das relações ocasionais e da diversidade sexual.

3.6.1 Relações ocasionais e parceiros múltiplos

Sobre as relações ocasionais, despojadas do "nobre vínculo amoroso" ou múltiplas, as entrevistadas tendem a produzir discursos valorativos negativos. Com efeito, são sobretudo as mulheres das duas primeiras gerações de Mondim de Basto que mais vigorosamente condenam essa prática reproduzindo a ideia de que só o sentimento amoroso deve justificar o envolvimento físico ou sexual entre duas pessoas. No entanto, curiosa é também a diferenciação de género implícita nalgumas passagens, porque se as relações sem compromisso podem ser toleradas nos homens, nas mulheres elas são injustificáveis e extremamente denegridoras da sua imagem.

Avó Antónia, Avó, 62 anos Mondim de Basto

"Sem existir amor... eu acho que isso é muito complicado (...). Acho mal. (...) Porque sim! Então não tem amor e vai fazer isso? ... Acho que é mau... Porque é uma rapariga que nunca mais... Ele fica bem na vida na mesma... mas a rapariga, já não, você bem sabe! Portanto ele deve ter um bocado em consideração... Agora, sem amor?!"

"Se for com o mesmo [com que se perdeu a virgindade], sim. Se for com ele, já coisou, portanto tanto faz... Agora se for com outros eu acho mal..."

Mãe Belmira, 42 anos, Mondim de Basto

"Eu não acho nada bem [ter sexo sem amor]. (...) Não acho porque é feio. Porque acho que as pessoas têm que ter os sentimentos delas."

"[Das relações de uma noite só] também acho mal ... só se for um rapaz solteiro. Um rapaz solteiro está bem."

Ainda que reconhecendo a crescente *normalização* das relações sexuais sem compromisso, Alice não deixa de sentenciar esses comportamentos, sobretudo quando os protagonistas não têm qualquer tipo de afinidade. De facto, a grande diferença em relação aos discursos anteriores é que, por um lado, desta vez não se recorre a medidas diferenciadas para julgar os comportamentos dos homens e das mulheres e, por outro, desde que haja algum tipo de vínculo afectivo entre as pessoas (que não tem de ser necessariamente amor) tais práticas podem até ser justificáveis.

**Avó Alice, 66 anos, Odivelas**

"Hoje em dia há muito disso [relações sexuais ocasionais sem compromisso], mas eu acho muito mal, devia existir pelo menos uma amizade. Pelo menos um sentimento. (...) Acho que está mal. Se não se conhecem para que é que vão fazer uma coisa dessas? Acho que está mal na minha ideia."

Uma postura significativamente diferente é-nos revelada por Carina, a qual se distancia das mulheres da sua linhagem familiar e salienta o carácter experimental e aventureiro que as relações ocasionais podem comportar.

Filha Carina, 25 anos, Celorico de Basto

"Quer dizer, para uma aventura acho que deve ser interessante, não sei, nunca tive, mas deve ser interessante para uma aventura, há pessoas que (...), para elas, é um divertimento, é uma forma de... uma ocupação qualquer, há pessoas que sim, não sou contra isso, acho que sim."

3.6.2 Fidelidade Conjugal

Comprovando os resultados das pesquisas extensivas (Pais, 1998), estas mulheres tendem a expressar-se ideologicamente a favor da fidelidade conjugal, embora o grau de permissividade a este respeito continue a revelar diferenças de uns discursos para outros. Por outro lado, enquanto umas entrevistadas mantêm a neutralidade da infidelidade face ao género, outras remetem-na declaradamente para o universo masculino. A este respeito, apenas Carolina, a mais jovem destas mulheres, se insurge declaradamente contra as diferenças no juízo social dos comportamentos femininos e masculinos.

Avó Alice, 66 anos, Odivelas

"Acho que não se deve ser [infiel]. Quando não se gosta da pessoa, conversa-se com a pessoa e deve-se dizer que desgostou, que é um engano e seguir cada um o seu caminho. Para mim é assim que deve ser."

Mãe Belmira, 42 anos, Mondim de Basto

"Acho muito estúpido isso. (...) Deus me livre. Já viu desgraçar assim um lar?! Isso é que eu acho uma estupidez. (...) Então se uma pessoa tem... a gente tem os nossos maridos e eles vão para a beira de outras mulheres eu para mim não gostava. Eu não gostava disso. Isso sou contra."

Filha Carina, 25 anos, Celorico de Basto

"Acho que o homem é mais infiel, mesmo assim, hoje em dia, apesar que há muitas mulheres também infiéis, mas acho que o homem é mais infiel."



Filha Carolina, 18 anos, Loures

“Acho que a sociedade culpa mais as mulheres, (...) mas se um homem pode estar tentado a trair uma mulher porque é que uma mulher não pode estar tentada a trair um homem? São tudo pessoas. Eu não acho correcto que se faça mas não se deve culpar mais um que o outro.”

Sabemos que, contrariamente a outras dimensões valorativas da sexualidade, na questão da fidelidade matrimonial ou conjugal não são os jovens que adoptam as atitudes mais permissivas. Neste caso, é em Beatriz, mãe da linhagem familiar da Grande Lisboa, que encontramos um discurso mais tolerante face a esta prática.

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“Eu acho que a infidelidade, para mim, eu aceito desde que seja naquele sentido de ter sexo sem amor, sexo por sexo. Porque se a infidelidade envolver paixão, e ainda por cima meter cama no meio... Porque uma pessoa pode apaixonar-se por outra, mas conseguir controlar isso, mas aí tem de ponderar muito bem se quer o divórcio. Agora a infidelidade de one night stand (...), desde que não afecte o parceiro, não afecte a relação, não tenho nada contra.”

3.6.3 Homossexualidade

O envolvimento sexual entre pessoas do mesmo sexo constitui um tópico assíduo dos estudos acerca das atitudes e morais sexuais. Com efeito, mais do que homens, são as mulheres que tendem a revelar uma maior tolerância face a estas práticas. No caso das nossas entrevistadas, os discursos produzidos neste contexto foram significativamente diversos. Para a geração das avós, a homossexualidade faz parte de um conjunto de transformações na ética sexual contemporânea. Em lugar de se comprometerem com uma valorização positiva ou negativa, estas mulheres reagem com a estranheza de se estar perante um fenómeno enigmático, para o qual, aos seus olhos, a sociedade parece abrir-se.

Mais heterogénea é a postura na segunda geração, como aliás se vem tornando regra. Enquanto Belmira rejeita convictamente a prática e a considera um artefacto ou uma invenção dos dias de hoje, Beatriz produz um discurso flutuante entre os valores emergentes da tendência igualitária e tolerante e a reprodução dos sistemas da heteronormatividade. Reforçando as semelhanças entre as duas gerações nesta família, a desconfiança gerada pela desocultação do comportamento homossexual é também reforçada nas palavras da filha Carolina.

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“Homossexualidade eu aceito e apoio ate porque conheço várias pessoas homossexuais e acho que as pessoas têm o direito de estar com quem querem e se se apaixonam eu acho que sim. O que eu não gosto na homossexualidade é o exibicionismo. (...) Nalguns casais homossexuais... acho que há uma tendência para se exibirem... porquê? Se querem ser normais como os outros então ajam como normais. Não é? Não é preciso andarem aos beijos e aos abraços na rua. De mão dada acho que sim porque nós, os casais hetero, também andamos.”



Filha Carolina, 18 anos, Loures

“É aquela coisa, a mulher foi criada para amar o homem... faz-me confusão, duas mulheres ou dois homens aos beijos faz-me confusão. Eu não me importo desde que as pessoas vivam a sua intimidade na intimidade. Fazia-me impressão se tivesse uma amiga minha que fosse homossexual e vê-la a beijar a namorada. Eu sou aberta, sou jovem, compreendo as coisas, mas faz-me confusão ver.”

4. Notas finais

A análise das trajectórias e das morais sexuais transporta-nos para uma esfera da vida onde a relação entre a continuidade e a mudança, nem sempre linear ou padronizada, parece resultar de múltiplas condições pessoais e contextuais. Com efeito, e reforçando a ideia de que o tempo social é experimentado de formas muito diversas, percebemos que não é fácil traçar fronteiras categóricas que vão distinguindo contínua e indubitavelmente as gerações das avós, das mães e das filhas.

Ainda assim, e como vimos, é possível perceber lógicas de descontinuidade e reprodução associadas aos contextos de pertença social, geracional e familiar. Nomeadamente, no que diz respeito à dimensão da iniciação sexual, verificámos claras diferenças entre a linhagem das Terras de Basto e a da Grande Lisboa. Enquanto todos os discursos femininos da primeira linhagem tendem a retratar contextos de *passividade feminina* e de *controlo masculino*, nos da segunda, a primeira relação sexual potencia a expressão de diferentes disposições: aparentemente, ela conhece uma certa *naturalização* com a avó, é *reflexo de desejo* com a mãe, e revela o *protagonismo feminino* com a filha. Por outro lado, do ponto de vista das significações, percebemos que as posturas mais conservadoras são assumidas pelas duas primeiras gerações das Terras de Basto, enquanto as atitudes mais permissivas, desinibidas e igualitárias surgem nos discursos da mãe de Lisboa e das gerações mais novas de ambos os contextos geográficos.

Assim, numa perspectiva intergeracional, podemos afirmar que na linhagem da Grande Lisboa os fenómenos de descontinuidade parecem dar-se sobretudo entre a avó e a mãe, reflectindo, de resto, a diferença que separa as trajectórias objectivas destas mulheres. Já entre a mãe Beatriz e a filha Carolina, os discursos apontam para uma certa reedição dos padrões valorativos. Por seu lado, na linhagem familiar das Terras de Basto, o esquema de mudanças e reproduções entre as gerações perfila-se diferente, sendo a continuidade mais acentuada nas duas primeiras gerações de mulheres e a descontinuidade mais evidente da segunda para a terceira geração.

Finalmente, numa perspectiva intrageracional, conclui-se que é na segunda linhagem – a das mães nascidas na década de 1960 – que as matrizes comportamentais e sobretudo valorativas são mais contraditórias. Nestes casos, é a experiência tão diversificada do tempo social que imprime o contraste entre as posturas destas mulheres: enquanto na linhagem de Lisboa, Beatriz personifica uma mudança social ascendente com aparentes efeitos sobre as formas de viver e representar a sexualidade, a trajectória de Belmira reproduz os traços da geração antecedente e vai prolongar sistemas comportamentais e valorativos mais tradicionais, os quais só na geração seguinte se alteram.



5. Bibliografia

Aboim, S. (2006), *Conjugalidades em Mudança*, Lisboa, ICS

Almeida, J. F *et al.* (2007), “A sociedade”, in Reis, A. (org.), *Retratos de Portugal: factos e acontecimentos*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores

Alwin, D.F., McCammon, R., J. (2004) “Generations, Cohorts, and Social Change”, in J.T. Mortimer & M. J. Shanahan, *Handbook of the Life Course*, New York, Springer

Bozon, M. (1993) “L’Entrée dans la sexualité adulte : le premier rapport et des suites, du calendrier aux attitudes”, in *Population*, nº5, pp.1317-1352

Bozon, M., Heilborn, M. L. (1996), “Les caresses et les mots. Initiations amoureuses à Rio de Janeiro et à Paris”, *Terrain*, nº 27, pp.37-58.

Bozon, M. (2001), “Sexualité et Conjugalité”, in Bloss, T. (org.), *La dialectique des rapports hommes – femmes*, Paris, PUF

Girad, A. (1981), *Le Choix du Conjoint. Une enquête psycho-sociologique en France*, Paris, Presses Universitaires de France

Goode, W. (1959), “The Theoretical importance of Love” in *American Sociological Review*, vol.24, nº1, pp.38-47

Hall, E. T. (1984), *The dance of life : the other dimension of time*, New York : Anchor Press Doubleday, 1984

Heilborn, M. L. (1999), “Construção de si, género e sexualidade”, in Heilborn, M.L. (org.), *Sexualidade. O olhar das ciências sociais*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor

Le Gall, D., Le Van, C. (2007) *La première fois. Le passage à la sexualité adulte*, Paris, Payot

Marques, A. C. (2007) “A primeira relação sexual: contextos e significados”, Lisboa, CIES-ISCTE, (e-Working Paper, 32)

Pais, J. M. (1998), “Vida amorosa e sexual”, in Machado Pais (coord.), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, ICS



Rosa, R. (2005), "A escolha do cônjuge", in Wall, K. (coord.), *Famílias em Portugal. Percursos, Interações, Relações Sociais*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais/ ICS

Torres, A. (2004), "Amor e Ciências Sociais", in *Travessias, Revista de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa*, nº4/5, pp. 15-45

ⁱ Este artigo resulta da análise de entrevistas feitas no âmbito do projecto *Género e Gerações: continuidade e mudança nas narrativas familiares* (ICS)

ⁱⁱ Segundo Alwin e McCammon, (2004), o termo geração pode ser definido como grupo de pessoas que partilha uma determinada cultura ou identidade em virtude de ter experienciado, em momentos semelhantes das suas vidas, os mesmos eventos históricos

ⁱⁱⁱ Não será contudo inócua a coincidência de que os discursos que mais subvalorizam a sexualidade enquanto dimensão de satisfação pessoal sejam das duas mulheres (de diferentes famílias e gerações) que afirmam ter passado por intervenções cirúrgicas de histerectomia.